

José Roberto Santos Neves

Desvendando a identidade nacional

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Neste momento em que o país celebra sua festa profana mais popular, é válido retomar antigas questões que há décadas são objeto de estudo: como e por que o samba se tornou símbolo da identidade nacional? Quando se deu essa legitimação? Quem foram seus personagens?

No livro “O Mistério do Samba”, publicado originalmente em 1995, o antropólogo Hermano Vianna, irmão do “paralâmico” Herbert, elucida algumas passagens que ajudaram a moldar o samba como elemento unificador do país. O ponto de partida da obra, baseada na tese de doutorado do autor em Antropologia Social, na UFRJ, é um encontro de bar até então obscuro, ocorrido em 1926, no Rio de Janeiro, envolvendo intelectuais e músicos populares.

Aquela não foi uma reunião corriqueira. De um lado, representando os literatos, o sociólogo Gilberto Freyre, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda, o promotor Prudente de Moraes Neto e os compositores clássicos Heitor Villa-Lobos e Luciano Gallet; do outro, como a “gente do povo”, os sambistas Donga e Patrício Teixeira e o mestre Pixinguinha. Essa noite de violão, regada a “alguma cachaça”, segundo relato do próprio Freyre, simboliza para o autor do livro a alegoria da invenção da tradição do “Brasil mestiço”, que em pouco tempo – menos de 15 anos – alçaria o samba a símbolo popular do país, capaz de unir suas diversas regiões e raças em torno de um projeto em comum.

Debate propício

Essa construção, porém, não se deu de forma isolada, como um “insight”. O Brasil vivia um debate propício sobre o que é ser brasileiro e sobre a busca e a valorização das raízes nacionais, que resultaram na ruptura trazida pelos modernistas, há exatos 90 anos. Recém-chegado do Recife, Freyre era o mais ardoroso defensor da ideia de que a força do Brasil reside na sua miscigenação. “Pois o Brasil é isto: combinação, fusão, mistura” – afirmou no “Manifesto Regionalista”, em 1926.

O escritor ainda não havia lançado sua obra-prima “Casa-Grande e Senzala” (1933), mas enfrentava com argumentos convincentes os adversários que julgavam a natureza mestiça do Brasil como a causa de nosso “atraso” em relação às nações desenvolvidas. Estes defendiam a imitação dos costumes franceses da Belle Époque e tentavam difundir no país os conceitos da eugenia, ciência que atraiu intelectuais como Monteiro Lobato.

O embate estava longe de ser maniqueísta. Hermano Vianna faz uma viagem no tempo para mostrar que, desde a Era Imperial, a elite brasileira aplaudia e incentivava as músicas ditas populares e chulas, como modinhas, lundus e maxixes. Ou seja: no Brasil dos séculos XVIII e XIX, mesmo com a escravidão, os ricos se divertiam com a cultura dos negros, exibida inclusive em celebrações oficiais (essa informação serve, por exemplo, para entender a influência que o ritmo nacional exerce hoje sobre a classe média alta).

Mas faltava um elemento que traduzisse o Brasil para os brasileiros e estrangeiros: o samba. O passo decisivo desse processo histórico teria ocorrido na virada dos anos 20 para os 30, com a fundação das escolas de samba (até então nos carnavais tocava-se de tudo, inclusive ritmos estrangeiros como polcas, valsas, tangos), a explosão do rádio como veículo de massa, a criação das primeiras gravadoras no país e as transformações urbanas por que passava o Rio de Janeiro, palco de toda essa efervescência. E havia ainda o aparelho governamental de Getúlio Vargas, que enxergou o samba como símbolo do projeto de nacionalização e modernização da sociedade brasileira. Um dos sinais dessa influência foi a determinação do Estado Novo, em 1937, de que as escolas adotassem temas históricos, didáticos e patrióticos em seus enredos, orientação prontamente aceita pelos sambistas, em troca de apoio financeiro e político para o carnaval.

José Roberto Santos Neves

Vianna avança sua pesquisa até a década de 90, percorrendo os diferentes movimentos musicais do país e as eventuais “ameaças” à supremacia do samba como elemento definidor da identidade nacional, por parte do Tropicalismo, da axé music, do frevo, do rock brasileiro e dos demais ritmos considerados regionais (entre os quais o sertanejo). De fato, a história segue seu curso, mas a tradição do samba permanece hegemônica, a exemplo da famosa canção de Dorival Caymmi: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é/é ruim da cabeça ou doente do pé”.